

A vibrant, sunlit garden scene. In the foreground, there are various green plants, including what looks like a corn plant on the left and leafy greens in the center. A wooden raised garden bed is visible in the middle ground. In the background, there's a building with a corrugated metal roof and a brick wall. The overall atmosphere is warm and natural.

ALEXANDRA ASSIS

**vou fazer
uma horta ali**

**COLEÇÃO
CUIDAR E
PLANTAR
A TERRA**

COLEÇÃO CUIDAR E PLANTAR A TERRA

Vou fazer uma horta ali

Alexandra Assis

pesquisa e edição:

Mariana Oliveira

fotografias:

Cátia Pereira

Phliper Santos

Mariana Oliveira

Alexandra Assis

Realização:

Programa Encontro de Saberes UEMG

Kaipora - Laboratório de Estudos Bioculturais UEMG

Antropologia na Escola - NuQ/UFMG

Apoio:

Editais PAEx/UEMG 01/2022

Editais PROEx/UEMG 03/2022 e 04/2022

setembro

2023



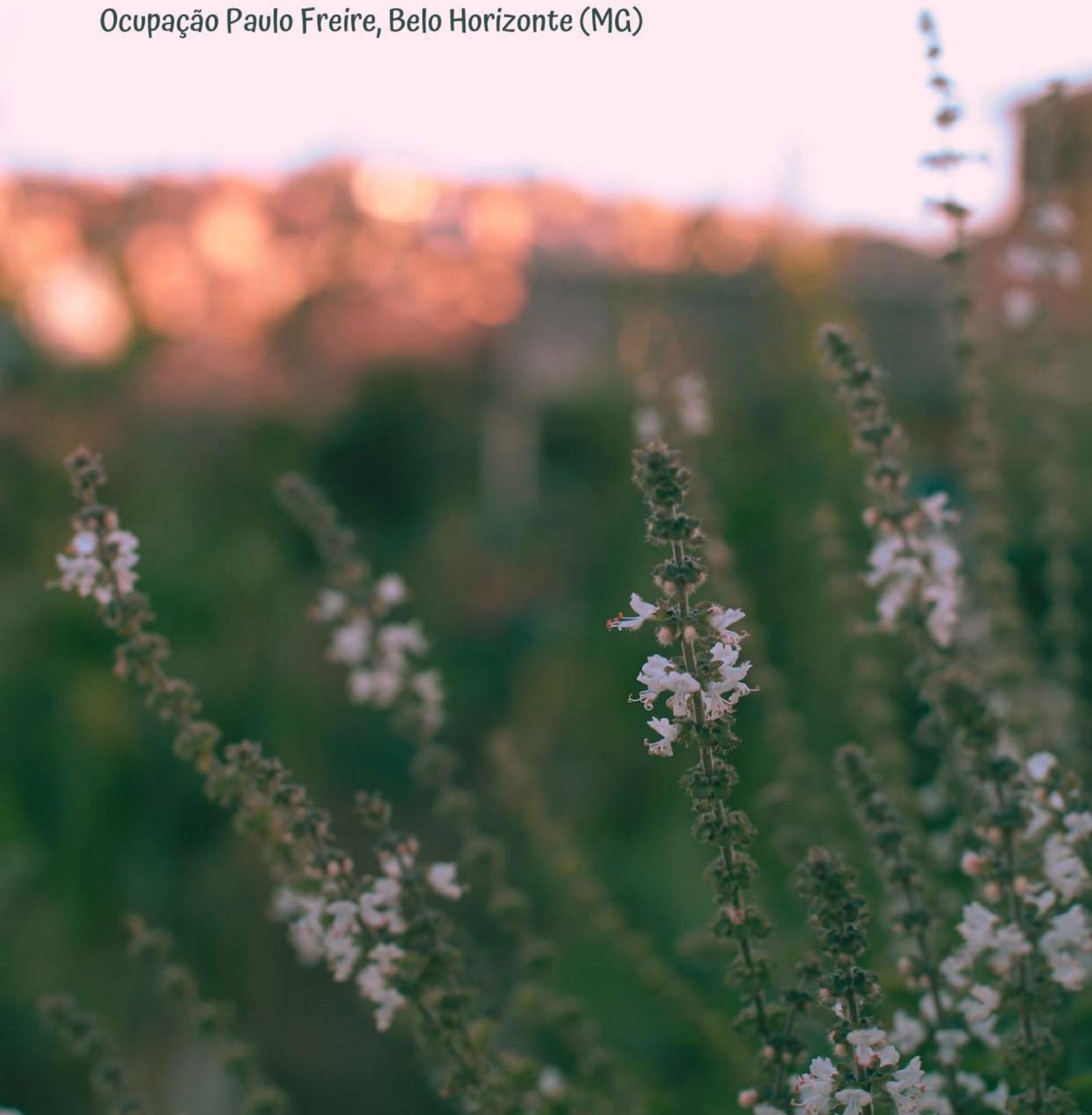
A coleção **Cuidar e Plantar a Terra** é formada por depoimentos de cuidadores e cuidadoras residentes em contexto urbano e periurbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Cultivados a partir de um cuidado pessoal cotidiano, os espaços que plantam e cuidam com intimidade e criatividade desenham no horizonte paisagens onde a diversidade é percebida como beleza e fartura.



Vou fazer uma horta ali

Alexandra Assis

Ocupação Paulo Freire, Belo Horizonte (MG)



Se não existisse agricultura ninguém vivia: ela é parte fundamental do mundo. Plantar é um dom que você nasce e depois é você trabalhar e ficar bom nele. Hoje não me vejo fazendo outra coisa, plantar é o que realmente gosto de fazer. Sou formada em administração, mas nunca exerci a profissão e hoje minha renda é a horta. A horta me deu vida, me deu saúde e me deu esperança. **Não sei viver sem as plantas: são parte de mim.**

A ocupação Paulo Freire existe na região do Barreiro (BH) tem sete anos e nasceu da luta pela terra e pela moradia digna. **Moro aqui desde o começo.** Na minha laje comecei com plantas ornamentais e virou uma floresta. Tinha de tudo, até minha hortinha em vasos. Com a ajuda do meu marido começamos a vender algumas plantas repetidas na rua aos sábados, mas ficava com dó por não saber se a pessoa que comprou ia mesmo cuidar.



O espaço onde fica a horta era para ser um parque para a comunidade, mas nunca mexeram e nunca conseguiram apoiador. **Abandonado acabou virando um bota fora: era só capim colônio e muito lixo, e isso começou a me incomodar. Da minha varanda via e falei: "vou fazer uma horta ali"**. Eu já não tinha mais espaço na minha casa para plantar e queria botar em prática o que sabia e o que eu estava aprendendo em cursos. Então conversei com o pessoal do movimento, que super apoiou a ideia.

Em abril de 2021 pedi doação para os que tinha mais intimidade e meu marido que é pedreiro deu as madeiras para cercar. Primeiro fechamos para não entrar mais lixo, nem cachorro e nem nada. Um amigo veio na sua hora do almoço e passou um trator e **então começamos a mexer, roçar, levantar os canteiros, peneirar a terra.**



Embaixo onde estavam os coloniões a terra estava melhor, mas em cima era só lixo mesmo e pedra. Mas **não existe terra ruim: se você joga com carinho, ela melhora.** Na minha casa já tinha um minhocário e dele tirei muita terra. No começo eu e meu marido pegávamos sobras no sacolão e fomos enterrando aqui para ir decompondo e ajudar no processo. E teve também esterco de boi e cavalo que ganhamos, foi uma estercação rica mesmo. Em alguns lugares já tinha minhoca e tatuzinho e no fim a transformação da terra foi até muito rápida.

As primeiras mudas que comprei de hortaliça para a horta foi com o dinheiro do lixo reciclado que tirei daqui. **Muita coisa que plantei eu tinha em casa, como o manjeriço, o alecrim e a arruda. Outras continuo ganhando, já que não tem um lugar que eu vou que eu não volto com uma muda.** Lá em Salvador mainha plantava no quintal e sempre tinha quiabo de metro. Aqui na horta tenho o quiabo estrela. O quiabo de metro é maravilhoso, estou para ganhar umas mudas para plantar aqui. Um dia desses tive uma lembrança tão gostosa: na nossa infância, quando era férias de natal, a gente ia para o interior, em uma ilha. Lá ia para a roça buscar mandioca então levava, descascava e ralava para fazer farinha e beiju, eu ficava sonhando com isso.



Aqui ganho muita semente e guardo as mais fortes para plantar depois, como de abóbora e alface. Depois de três gerações a semente é dessa terra. Germinação é uma coisa que pouco agricultor faz, mas eu acho que tem que ter esse tempo: é muito prazeroso você colocar a semente pequeninha e ver crescer. As plantas se comunicam, elas agradecem. Também acho incrível como a terra armazena semente. Aqui aparece muita mamona e o almeirão roxinho. Esse almeirão tinha muito e nem dei conta de catar semente, e agora está brotando um tanto de novo. **A terra tem esse poder de guardar a semente para na época certa ela estourar.**

Na horta tenho um tanto de coisa plantada e revezo o que planto nos canteiros. Se primeiro plantei alface, que dá para fora, quando acaba o ciclo dele planto alguma coisa que dá interno, alguma coisa com raiz profunda ou tubérculos. Tento fazer essa rotação do plantio que é muito bom tanto para terra quanto para produção.







Logo no começo da horta foram sacas e sacas de tomate grande e pequeno, e muito almeirão. **Foi muita fartura.** Muita gente achou que essa horta não ia dar em nada, mas hoje elogiam e compram, pegam doações. Muitos agora comem melhor. Sempre tem muito o que fazer na horta e tem algumas coisas que é preciso fazer a prestação, mas às vezes chego aqui e não quero fazer nada. Eu não tenho essa obrigação de ficar aqui todo dia me acabando para ganhar dinheiro. Eu não quero isso, eu quero sentar aqui e se eu não quiser plantar, eu não planto. **Então a agroecologia é isso: é amor, é vida, é cuidado. E é contemplação: a contemplação é necessária.**

